

O PARQUE INDÍGENA DO XINGU: ARTES, CULTURAS E BIOMAS EM CONFLUÊNCIA

Poliene Soares dos Santos Bicalho. Pesquisador (PQ). Professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). Docente do curso de História do Campus de Ciências Socioeconômicas e Humanas de Anápolis (CCSEH-UEG). Doutora em História pela Universidade de Brasília (UnB).

Resumo: O Parque indígena do Xingu (PIX) é uma área que, embora integre o Domínio Equatorial Amazônico, abriga “elementos do Sistema de Cerrado”, como descreveu Altair Sales Barbosa (2011, p. 11). Trata-se, portanto, de uma importante região de disjunção de Cerrados que precisa ser melhor observada e analisada, a fim de identificar as diferenças e semelhanças que envolvem a presença humana nas variadas fitofisionomias que aquele território abriga. O objetivo principal desta pesquisa é justamente conhecer e identificar tais fitofisionomias tendo em vista o mapeamento e análise dos povos que vivem no PIX, com foco nas artes e nas culturas indígenas mais expressivas daquela territorialidade. Para tanto, três importantes vieses nortearão a pesquisa: 1. O conhecimento e a análise da obra de Karl von den Steinen, suas experiências e influências; 2. As artes e as culturas dos povos indígenas do Parque, com foco naquelas etnias que habitam áreas de disjunção de Cerrado presentes no interior do mesmo; e, por fim, 3. Alcançar os dois primeiros objetivos específicos a partir de um diálogo profícuo entre a História, a Geografia e a Antropologia.

Palavras-chave: Parque Indígena do Xingu. Artes e Culturas Indígenas. Biomas. Cerrado

Introdução

O Parque Indígena do Xingu¹ e as inúmeras populações indígenas que ele abriga vem despertando o meu interesse há um certo tempo. Antes, talvez, mais em razão das questões sociais e políticas que envolveram a sua idealização, ainda nos anos 1940, e a sua criação, nos anos 1960. Atualmente, porém, as populações indígenas que o Parque abriga vem despertando o meu olhar pelo viés de suas artes

¹ O Parque Indígena do Xingu (PIX) localiza-se na região nordeste do Estado do Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira, possuindo 2.642.003 hectares de terras. Foi criado pelo Decreto nº 50.455, de 14/04/1961 e regulamentado pelo Decreto nº 51.084, de 31/07/1968, com ajustes feitos pelos Decretos nº 63.082 de 6/08/1968 e nº 68.909, de 13/07/1971, feita a demarcação do seu perímetro atual em 1978. (ISA – Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Brasil. In: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil>. Acesso dia 02/10/2017 às 11h10min.



e culturas, ainda muito presentes nas práticas cotidianas e ritualistas de alguns dos muitos povos que aquele território abriga.

Foi no contexto de *Marcha para o Oeste* que surgiram parques indígenas, semelhantes ao Parque Indígena do Xingu, criado em 1961² – que teve sua ideia lançada entre as décadas de 1940 e 1950, durante o processo de penetração territorial rumo ao interior do país – no qual indígenas de diferentes etnias foram misturados sem se considerar a existência de algumas etnias rivais. Não sem a presença e a participação dos militares surgiram reservas indígenas que funcionaram como “estufa para que os grupos da região pudessem se aculturar paulatinamente.” (SOUZA LIMA, 1990, p. 70)

Durante o Simpósio Nacional da Anpuh, realizado em Brasília em 2017, deparei-me com um livro que alimentou mais ainda a minha curiosidade: *Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu*, organizado por Vera Peteado Coelho, uma publicação Edusp/Fapesp de 1993. Trata-se de uma obra densa que procura analisar as diversas contribuições do antropólogo alemão que dá nome ao livro e que percorreu a região do Alto Xingu no último quartel do século XIX, tendo sido o primeiro a “percorrer-la em duas viagens realizadas nos anos de 1884 e 1887. Iniciava-se um período de expedições de importância capital para o conhecimento de todo o Brasil indígena” (COELHO, 1993, orelha do livro).

Este trabalho apresenta os resultados diretos destas expedições, através das análises realizadas por vários autores sobre os escritos legados por *Steinen* à posteridade, certamente muito importantes para conhecermos um tanto mais sobre a diversidade indígena, as suas culturas e, por que não, as suas artes. Afinal, também a pintura corporal e a plumária indígena foram observadas por Karl von Steinen, como observa Berta Ribeiro ao citá-lo nestes termos:

² Ao sul do Parque estão os formadores do rio Xingu, que compõe uma bacia drenada pelos rios Von den Stein, Jatobá, Ronuro, Batovi, Kurisevo e Kuluene; sendo este o principal formador do Xingu, ao se encontrar com o Batovi-Ronuro. A demarcação administrativa do Parque foi homologada em 1961, com área incidente em parte dos municípios matogrossenses de Canarana, Paranatinga, São Félix do Araguaia, São José do Xingu, Gaúcha do Norte, Feliz Natal, Querência, União do Sul, Nova Ubiratã e Marcelândia. (ISA – Instituto Socioambiental. Povos Indígenas do Brasil. In: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xingu/1539>. Acesso dia 15/03/2018 às 7h59min.



Na opinião de von den Steinen, o desenho explicativo, feito por meio de gestos ou riscado na areia, é anterior ao “ornamento artístico”. “Vemos, e isto é o principal, que aqui, entre os povos primitivos, o desenho serve, como o gesto, *para fazer alguma comunicação*, e não para reproduzir formas graciosas...” (1940:300) ou seja, artísticas. Imediatamente o autor se corrige para afirmar: “Objetar-se-á, talvez, que os índios do Xingu já são artistas, efetivando todos os utensílios com desenhos e ornatos, e que para isso se servem, com facilidade, do desenho como meio de expressão” (STEINEN *apud* RIBEIRO, 1989, p. 72. Grifos meus)

De volta ao livro, no capítulo um o livro apresenta a vida e a obra do autor, e os subsequentes apresentam temas que propiciam esta abordagem histórica e cultural da região e das populações que *Steinen* conheceu (a pintura corporal dos índios Trumais; A tradição guerreira nas Narrativas e nos Cantos Caiabis; Motivos geométricos na arte Uaurá; Os padrões Ornamentais do trançado e Arte Decorativa; etc). A partir desta obra pretende-se, também, analisar as influências dos seus relatos à luz do Xingu já Parque Nacional (1961), com toda a trajetória de sua criação e dos conflitos, condensações, violências e conveniências que o mesmo abraçou.

O desdobramento desta pesquisa deverá desencadear três vertentes de observação: O conhecimento e a análise da obra de *Karl von den Steinen*, suas experiências e influências; As artes e as culturas indígenas dos povos indígenas do Parque, com foco naquelas etnias que habitam áreas de disjunção de Cerrado no interior do mesmo; e, por fim; 3. Alcançar os dois primeiros objetivos específicos a partir de um diálogo profícuo entre a História, a Geografia e a Antropologia. O principal objetivo, porém, é justamente conhecer e identificar tais fitofisionomias tendo em vista o mapeamento e análise dos povos que vivem no PIX, com foco nas artes e nas culturas indígenas mais expressivas daquela territorialidade.

O viés que pretende conhecer e analisar mais de perto as artes e as culturas dos indígenas altoxinguanos se justifica diante da assertiva de que são povos, em sua maioria, cujas expressividades ainda são muito atuais, belas e diversas. Neste sentido, de acordo com Nicola e Dorta (AROMÉRI, 1986, p. 18), os povos indígenas praticantes da arte plumária e, em geral, também da pintura corporal, atualmente,



são: Urubu (Kaápor), Bororo, Karajá, Kayabí, Kaxinawa, Rikbaktasa, subgrupos Kayapó e os altoxinguanos.

A vertente que enfatizará tais artes e culturas nas áreas de disjunção de Cerrado presentes no interior do PIX, por meio de reflexão interdisciplinar (História, Geografia e Antropologia), partirá de uma inquietação básica: o quanto de Cerrado há no Xingu e em que medida as relações entre os povos indígenas que habitam tais regiões (identificar quais) estabeleceram e estabelecem trocas culturais com outros povos que habitam regiões com fitofisionomias de Cerrado dentro e fora do parque. Sabe-se que, de acordo com Altair Sales Barbosa,

O Cerrado... Sem considerar a área do Parque Nacional do Xingu que, mesmo possuindo alguns elementos do Sistema dos Cerrados, é integrante do Domínio Equatorial Amazônico, ou Trópico Úmido, e sem considerar também alguns povos que vivem em áreas disjuntas de Cerrado como os pareci e nambikwara, a área contínua do Sistema dos Cerrados, dos Chapadões Centrais do Brasil, apresenta uma população indígena atual de aproximadamente 44.118 habitantes, distribuídos principalmente em terras do Maranhão, Tocantins, Goiás e Mato Grosso do Sul. Essa população engloba 26 povos de características culturais diferenciadas, cuja situação atual e fragmentação demográfica não refletem a importância que o espaço geográfico dos Cerrados teve na sua fixação durante longos períodos, nem a verdadeira história da ocupação deste espaço por tal população (BARBOSA, 2011, p. 11).

Desde modo, tenho observado que a literatura já consultada sobre o PIX, em geral, oblitera o fato de que aquela região abriga tais Sistemas de Cerrados, de tal maneira que tem me inquietado bastante a pouca ênfase que se dá a esta assertiva, pois a confluência entre povos, culturas e biomas é intensa, o que certamente pode levar a uma abordagem que alcance uma melhor compreensão das relações estabelecidas entre os mesmos, dentro e fora do Parque, tendo como foco as fitofisionomias de Cerrado, especialmente as que adentram os estados limítrofes, como Goiás e Tocantins, e o próprio Mato Grosso.

Material e Métodos





O que se almeja de fato é elaborar, a partir de leituras, revisões bibliográficas, mapeamento de biomas e culturas, e suas respectivas confluências, uma análise mais coerente, realista, enriquecedora e interdisciplinar do PIX, seus povos, territórios, artes e culturas. Ou seja, espera-se alcançar resultados fincados na proposta do livro citado inicialmente como o motivador da pesquisa, adentrando aos capítulos dos mesmos profundamente, pois, seus

estudos desmistificam a imagem de um paraíso intocável, habitado por bons selvagens vivendo em perfeita harmonia com um meio ambiente encantador. Num momento em que o país acorda para o extermínio da cultura indígena, impõe-se a necessidade de contemplarmos um índio real, e não idealizado por mitos seculares” (COELHO, 1993, orelha do livro)

A pesquisa será desenvolvida no prazo de dois anos, pois o tema e os seus desdobramentos oferecem diversas possibilidades de abordagem e análise, além de ser bastante denso e amplo. Almeja-se, de fato, elaborar, a partir de leituras, revisões bibliográficas, mapeamento de biomas e culturas, e suas respectivas confluências, com vistas a alcançar uma análise mais coerente, realista, enriquecedora e interdisciplinar do PIX, em atenção ao seus povos, territórios, artes e culturas.

Inicialmente se fará a leitura completa da obra *Karl von den Steinen*: Um século de antropologia no Xingu, organizado por Vera Peteado Coelho, para, a partir dela, mapear e ler os próprios escritos de Karl Steinen e relaciona-los às leituras mais atuais sobre o Parque Indígena Xingu, seus povos, artes, culturas e territórios. Concomitante, se fará o mapeamento dos biomas que compõem áreas de disjunção na região, com ênfase nas confluências de Cerrado e nos povos que as circundam. Para tanto, se contará com a colaboração da Profa. Dra. Adriana Aparecida Silva, da área da Geografia, que fará o levantamento topográfico e das fitofisionomias do Parque, o que resultará no mapeamento cartográfico do mesmo. Esse trabalho certamente envolverá todo o primeiro ano da pesquisa.

No segundo ano as leituras e análises se voltarão para o campo da abordagem que focará as artes e as culturas indígenas do PIX, com ênfase



naquelas que se encontram localizadas em Sistemas de Cerrados, ainda que sejam áreas de disjunção não predominantes. A partir de então, as artes serão tomadas como norte para se compreender um pouco mais de perto as culturas indígenas da região, estabelecendo comparações com aquelas que se encontram em áreas cujas fitofisionomias de Cerrado são confluentes, dentro e fora do parque.

Resultados e Discussão

A pesquisa em tela ainda se encontra em sua fase inicial, o projeto foi aprovado no primeiro semestre de 2018, e terá duração de dois anos. Neste primeiro momento de apresentação, espera-se expor as inquietações e as motivações que levaram à elaboração desta proposta de pesquisa, assim como expor as leituras iniciais já em fase de realização, especialmente a partir da obra *Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu*, organizado por Vera Peteado Coelho (1993).

Considerações Finais

O Parque Indígena do Xingu, como já é bastante conhecido, é um lugar de encontros e desencontros de diferentes culturas e povos indígenas do Brasil. Contudo, precisa ser melhor trabalhado do ponto de vista de se aprofundar nas seguintes questões: que povos são esses; que culturas e artes são essas; que espaço geográfico é este; o que há de Cerrado, deste grande mosaico fitofisionômico no Parque; enfim, há em aberto um filão de pesquisa que precisa ser melhor explorado, e é este o objetivo deste projeto, realizar estudos a partir destas abordagens.

Agradecimentos

À Universidade Estadual de Goiás (UEG), por mais esta oportunidade de continuar desenvolvendo pesquisas em minha área de atuação.

Referências

AROMÉRI: Arte plumária do indígena brasileiro/Brazilian indianfeather art/Mercedes-Benz do Brasil S.A, Norbert Nicola, Sonia Ferraro Dorta – São Bernardo do Campo, SP, 1986.

BARBOSA, Altair Sales *in* **ENTREVISTA À REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS**. UNISINOS, 2011.

COELHO, Vera Penteado (Org.). **Karl von den Steinen: Um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1993.

DIAS JR. Carlos Machado e CARDOSO Marina D. Franchetto, Bruna & Heckenberger, Michael (org.). Os povos do Alto Xingu– história e cultura, Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. **Rev. Antropol.** vol.45 no.1 São Paulo, 2002.

Franchetto, Bruna & Heckenberger, Michael (org.). *Os povos do Alto Xingu–história e cultura*, Rio de Janeiro, UFRJ, 2001.

LAGROU, E. **Arte Indígena: agência, alteridade e relação**. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2009.

MELATTI, Júlio Cezar FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). 2001. *Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 496 pp. **Mana**, vol.8 no.1 Rio de Janeiro Apr. 2002.

Povos Indígenas do Brasil. *In*: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil>. Acesso dia 02/10/2017 às 11h10min.

Povos Indígenas do Brasil. *In*: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/xingu/1539>. Acesso dia 15/03/2018 às 7h59min.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

RIBEIRO, Berta. A linguagem simbólica da cultura material. *In*: Ribeiro, Darcy (editor), **Suma Etnológica Brasileira**, Vol. 3: Arte Índia. São Paulo: Vozes, Finep, 1986.

SOUZA LIMA, Antônio Carlos de. Indigenismo e geopolítica. Projetos militares para os índios no Brasil. *In*: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org.). **Projeto Calha Norte. Militares, índios e fronteiras: antropologia e indigenismo**, 1. Rio de Janeiro: Peti/ed. UFRJ, 1990. p. 70.